

DEPOIMENTÁRIO

SOBRE A ADOLESCÊNCIA DE DOIS JURISCONSULTOS

LUIZ PINTO FERREIRA

O jornalista e escritor Manoel Neto Teixeira, da Academia Olindense de Letras, por estar escrevendo um livro intitulado **Vida e Obra de Pinto Ferreira**, pede-me umas poucas palavras a respeito do notável jurista. Percebi que não era para referir cronologicamente dados biográficos ou relacionar sua extensa obra, muito menos fazer análise, embora ligeira, de qualquer de seus livros.

Tratava-se de uma espécie de depoimento em razão de nosso convívio.

Fomos contemporâneos na pioneira e histórica Faculdade de Direito do Recife, hoje integrante da UFPE.

Luiz Pinto Ferreira era dos mais novos, senão o mais moço dos estudantes. O mais moço e o mais estudioso.

Além das matérias do curso, variavam as inclinações dos acadêmicos: a política universitária, a oratória, a literatura, a publicação de jornais e revistas, os desportos, o lazer de excursões ou embaixadas, o footing na rua Nova, o bate-papo no Café Lafayette, as discussões resultantes das tendências, ora a favor da democracia, ora pela direita ou pela esquerda.

Pinto Ferreira não se esquivava, mas nele o predominante era o estudo sem pausa.

Queria conhecer na língua original os grandes autores estrangeiros. Não lhe bastava ler diretamente os ingleses, franceses, espanhóis, italianos.

Eis que, de repente, ele dizia estar estudando o grego. Algum tempo depois, o alemão. E, em seguida, o russo, para desvendar o Direito dos juristas soviéticos.

Ainda estudante publicou dois livros de Direito Público. Um deles intitulado **Soberania** — tema, como é sabido, dos mais controvertidos e discutidos.

Sua obra é extensa e das mais destacadas nos campos do Direito e da Sociologia. São cursos e tratados; mas, como Pontes de Miranda, escreveu igualmente sobre Direito Privado.

Enveredou, ainda, pela literatura. No decurso do tempo, sente-se o cuidado de tornar o seu estilo mais leve e mais claro.

Escreveu livros de índole histórica ou biográfica, a exemplo de ensaios sobre a família Lins na Região da Mata Sul de Pernambuco e Tobias Barreto e a Nova Escola do Recife. E, no gênero literário, especificamente, a obra **Interpretação da Literatura Brasileira**, entre outras.

Conhecedor, como poucos, das doutrinas políticas, teria de ser atingido pelo germe da política.

Foi um dos fundadores, em Pernambuco, do Partido Socialista Brasileiro e, em publicações, discursos e conferências, fez o proselitismo de suas idéias.

Situa-se como homem de centro-esquerda, um socialista democrático, pois se defende os ideais de justiça e solidariedade social, está sempre a proclamar as virtudes da liberdade, como princípio fundamental do regime democrático.

Eu levava os seus livros para o Dr. Agamemnon Magalhães, que me dizia: “este moço, Jarbas, é uma inteligência à procura de um espaço”.

Agora, é o caso de observar: ele alcançou nobres espaços — a Cátedra da Faculdade de Direito do Recife, o Senado da República, a glória das instituições culturais.

É um Mestre de muitas aulas. Ensinou e ensina. Fundou e ainda funda Escolas de nível superior.

Pinto Ferreira é, sobretudo, um educador, um formador de gerações.

(De JARBAS MARANHÃO, Senador da República. Professor Universitário. Membro Honorário da ABLJ)

PAULO BONAVIDES

Os primeiros estudos do menino Paulo foram com o poeta Anésio Leão. Já em 1933, morre-lhe o pai. Um ato de perseguição política obriga o tio materno, Sebastião Fernandes, a vir para Fortaleza. A viúva de Fenelon decide acompanhar o irmão, e os Bonavides se radicam na capital cearense.

Para ingressar no Liceu do Ceará teve de envelhecer dois anos, tornando-se irmão gêmeo de Aluísio, nascido a 7 de maio de 1923. A nova idade (que o acompanha até hoje, em seus documentos) não causou espécie porque “os douradinhos” guardavam grande semelhança. No Liceu, foi aluno de Autran Nunes, Luís Mendes e Martinz de Aguiar, dentre outros.

Em 1938, Bonavides se candidata a uma vaga de jornalista em uma folha que circulava na praça cearense há apenas dez anos: **O Povo**. No dia do certame, Paulo Sarasate, redator-chefe do jornal, ao se deparar com aquele garoto franzino esperando junto a uma dezena de rapagões, achou aquilo descabido e, sem rispidez, mas com firmeza, disparou:

— Menino, vá para casa! Isso aqui não é jardim da infância!

Bonavides já ia se retirando das dependências quando Demócrito Rocha, fundador e diretor da gazeta, que tudo observara de uma mesa ao fundo da sala, diz:

— Paulo! Deixa o garoto fazer a prova.

Dois dias depois, quando retorna ao jornal para saber o resultado, Sarasate, com um papel em punho, leu um trecho e pediu que o autor se revelasse. Bonavides ergueu a mão. Sarasate arregala os olhos por trás do aro de tartaruga e, num mea culpa pela injustiça que quase cometera, inicia uma cena inversa à travada antes do concurso. Quase aos gritos, abeirou-se da mesa de Demócrito:

— Leia, leia isto!

O menear da cabeça do diretor do jornal indicava aprovação. Sarasate chama Bonavides e o apresenta a Demócrito que, sorrindo, esboça uma objeção:

— Mas é uma criança!

— Não importa, retruca pondo um fim à questão.

Bonavides vai trabalhar sob as ordens de J.M. Othon Sidou, redator-secretário, escrevendo nas páginas policiais. A frustração de ver parágrafos inteiros desaparecerem com uma penada de Othon Sidou foi logo substituída pelo reconhecimento de que o amigo estava lhe ensinando a redigir de forma enxuta, como cabe a um bom jornalista.

Em 1942, é admitido na Faculdade de Direito do Ceará, A Nieman Foundation convidou, em 1944, à direção do **O POVO** para que indicasse um candidato a participante do grupo dos Nieman Fellows daquele ano, para uma estadia em uma universidade norte-americana. O enfant terrible da redação é apontado e segue para Harvard.

(Excerto, via Internet, de ANTÔNIO CARLOS KLEIN, Autor do livro sobre Paulo Bonavides, da Coleção Terra Bárbara, Edições Demócrito Rocha).